

AS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DO MAAC

CÁTIA TUNA*

Introdução

A atividade editorial periódica foi desde cedo uma necessidade do MAAC à qual dedicou um grande esforço coletivo. Representou um investimento em grande medida humano mas também material. As dificuldades associadas a uma certa insuficiência de recursos para a sua sustentabilidade e de meios concretos, que foram poucos numa fase inicial, eram um constrangimento com que se defrontava grande parte da imprensa das organizações católicas que não detinham uma rede de suporte. No caso do MAAC, este facto é reforçado por ter como emissores e recetores um público já por si vulnerável, as crianças, e, de entre estas, preferencialmente aquelas envolvidas em meios sociais desfavorecidos. Partindo desta situação, a imprensa do MAAC encontrará estratégias de fazer subjazer este meio de ação sobretudo interna, mas comportando a intenção de ter um alcance exterior, de um modo cada vez mais organizado. Este percurso reflete a própria metamorfose no autoentendimento do movimento e nas formas de ele mesmo se estruturar, visando uma maior eficácia.

Os objetivos da imprensa do MAAC são: o fomento da unidade a um movimento espacialmente disperso, o facultar de uma plataforma permanente e dinâmica de formação dos acompanhantes das crianças, e a promoção de um espaço de intervenção das mesmas, percecionando-as como incluídas no grupo daqueles “que não têm voz”. Esta intervenção engloba desde a partilha das atividades do grupo à comunicação de situações de injustiça por elas vividas. Com efeito, as publicações periódicas do MAAC apresentam-se como um prolongamento das instâncias de convívio e reflexão com uma certa formalidade e na intenção de se construir uma memória comum, mas também de iniciação das crianças a uma atividade crítica, a qual é particularmente saliente nos números editados nos anos 80 e nas páginas dos periódicos do movimento da diocese do Funchal.

Após uma caracterização geral da imprensa do MAAC, far-se-á uma análise mais apurada daqueles que se destacaram por terem um maior nível de estrutu-

* Investigadora integrada no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP).

ração e de durabilidade. De seguida, apresentaremos a estrutura interna de cada periódico, procurando descrever as linhas editoriais próprias de casa um. Expõe-se na terceira parte uma sistematização dos conteúdos neles contidos, ilustrada com citações dos mesmos. Por fim, aborda-se a estrutura de coordenação com que se foi gerindo a imprensa do MAAC ao longo das três décadas em estudo.

1. Caracterização geral das publicações do MAAC

Remonta a 1981 a indicação de uma atividade de tipo editorial periódica no MAAC, existindo indícios de circular uma *Folha do animador* e um “jornal das crianças” cujo nome não estaria ainda decidido¹. Todavia, não nos chegou desses anos qualquer exemplar de ambos, não sendo possível perceber a continuidade destas iniciativas. É porém significativa a existência de uma dupla linha editorial determinada por dois grupos de destinatários, as crianças e os acompanhantes, que subsistirá nos dois periódicos que viriam a marcar a fase inicial do movimento: *Crianças em Acção* e o *Jornal de Nós*. Nos anos que os antecederam, regista-se ainda um número isolado de um boletim chamado *Desperta*².

A década de oitenta foi um período de forte vitalidade no que concerne à atividade editorial do movimento: após os ensaios iniciais caracterizados por algum experimentalismo e por uma fraca regularidade, mas reveladora de grande dinamismo de iniciativas, existiram duas publicações que atingiram algumas dezenas de números. O *Crianças em Acção* e o *Jornal de Nós* foram publicados durante um período de oito anos num total de 42 números, contabilizando apenas aqueles que nos chegaram. Em apenas três anos chegaram a sair consecutivamente 25 números (o equivalente à quantidade de publicações que foram editadas durante a década de 2000).

Os anos 90 foram aqueles em que se registou um menor número de publicações, espelhando a crise que o MAAC atravessou nessa fase. Exceção feita por esta altura ao MAAC da Madeira que teve uma atividade editorial muito ativa e consideravelmente avançada ao nível gráfico e de conteúdos, com uma identidade marcada pela comunicação ou denúncia dos problemas sociais que afetavam as crianças, que viviam em circunstâncias de considerável vulnerabilidade sociofamiliar. *Grito da liberdade* (1991), *A Janela (indiscreta)* (c. 1992) e *Zona 4* (c. 1996-1997) são os títulos da imprensa madeirense de iniciativa do movimento.

¹ Cf. *Carta aos coordenadores para o encontro de coordenadores dia 29 de Abril – Seminário dos Olivais das 10 às 18 h.*, p. 1 [1981].

² Realiza-se também a edição de um pequeno livro fotocopiado que reunia testemunhos de grupos de várias partes do mundo, pertencentes ao MIDADE, onde Portugal se encontra representado com dois textos. Esta publicação não periódica intitulava-se *Movimento internacional* e manifesta a ligação umbilical do então MAC ao MIDADE. Cf. *Movimento de Apostolado das Crianças – Dimensão internacional: Acções de Grupos de Crianças*. Lisboa: [s.n.], 1984.

Nos anos de charneira entre esta década e a seguinte são editados de forma não concertada alguns números isolados: um intitulado *Stop* (1998) e outro denominado *Boletim do Acompanhante* (2001), bem como os integrantes da última série do *Crianças em Ação*, e que acabam por fazer a transição para a revista *MAAC*.

Numa análise global, podemos afirmar que a atividade editorial do MAAC sofreu um processo de aperfeiçoamento e sofisticação. Nos primeiros anos esta distingue-se por ser predominantemente irregular na sua periodicidade e noutros âmbitos como a organização de conteúdos, sendo difícil, por exemplo, a manutenção de rúbricas ou secções, a referência clara das equipas de redação ou mesmo o preço que oscila significativamente. Contudo, as publicações foram adquirindo uma paulatina ordenação que apenas se consolidou verdadeiramente com a revista *MAAC*, representando esta uma nova etapa no que é concernente à estrutura e à própria materialidade da edição (englobando esta desde a qualidade da composição gráfica ao tipo de impressão).

Na tabela seguinte encontra-se sistematizada, nos seus dados básicos, a informação relativa à totalidade dos periódicos do MAAC de que há conhecimento:

As publicações periódicas do MAAC

Título		Período de publicação	Números editados	Público – alvo	Escala
<i>Folha do animador</i>		c. 1981	Sem dados	Acompanhantes	Nacional
[sem título]		c. 1981	Sem dados	Crianças	Nacional
<i>Crianças em Ação</i>	<i>1ª Série: Boletim de ligação e de informação do Movimento de Apostolado de Crianças</i>	maio de 1983 – dezembro de 1989;	23	Acompanhantes	Nacional
	“Nova Série”: [sem subtítulo]	janeiro de 1991 – [dezembro de 1991];	5	Acompanhantes e crianças	
	<i>2.ª Série / “Série ano 2000”: Jornal Nacional do MAAC</i>	c. janeiro 1997 – janeiro 2000	6	Acompanhantes, adolescentes e crianças	
<i>Desperta</i>		c. outubro 1983	1	Acompanhantes	Nacional
<i>Jornal de Nós [intitulado jornal das crianças até ao 3.º número]</i>		Março 1984 – dezembro de 1989	18	Crianças	Nacional
<i>Grito de liberdade: Jornal do MAC: Movimento de Apostolado das Crianças</i>		[1991 – 1992]	4	Público geral	R. A. Madeira
<i>A janela (in)discreta</i>		Novembro 1992	1	Crianças	R. A. Madeira
<i>Zona 4</i>		[c. 1997]	4	Público geral	R. A. Madeira
<i>Stop: Jornal dos Grupos de adolescentes</i>		[c. 1998]	1	Adolescentes	Nacional
<i>Boletim do Acompanhante</i>		Junho 2001	1	Acompanhantes	Nacional
<i>Acompanhantes em Movimento</i>		Março 2005	1	Acompanhantes	Nacional
<i>MAAC: Movimento de Adolescentes e Crianças</i>		2001 – 2017	38	Acompanhantes, adolescentes e crianças	Nacional

Este quadro proporciona a verificação da existência de um grupo largo de publicações que se caracterizam por terem um só número ou por uma quantidade muito baixa de edições, o que indica a dificuldade de dar continuidade aos projetos editoriais que, por sua vez, foram de grande quantidade. Conclui-se assim que a capacidade de estruturação e fidelização não acompanhava o fervilhar de iniciativas. Uma segunda constatação é a de que estas publicações partem da estrutura de coordenação do movimento, não se registando publicações à escala diocesana ou de um determinado grupo, salvo o caso da Madeira, que evidencia uma dinâmica peculiar.

Resultam, assim, dois conjuntos diferentes de periódicos: o primeiro caracterizado por uma durabilidade fugaz e pela existência de muitos “números únicos”; e o segundo constituído por aqueles que atingiram um maior grau de estruturação. Analisaremos com mais profundidade este último, constituído pelo *Crianças em Acção*, *Jornal de Nós* e a revista *MAAC*, abordando ainda o caso da imprensa madeirense.

2. Principais publicações

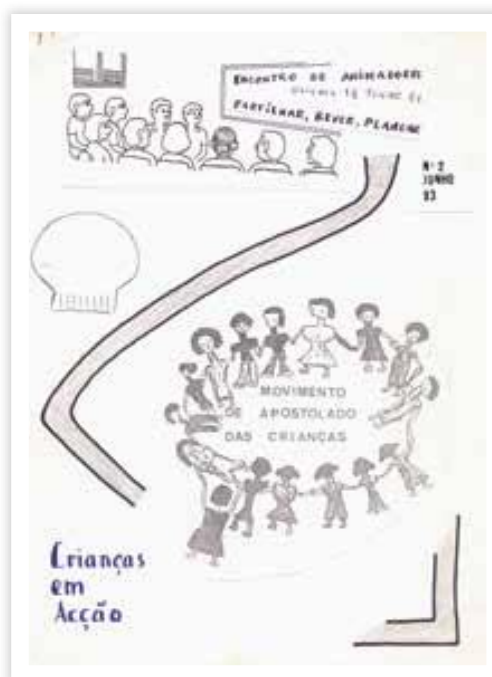
2.1. O boletim *Crianças em Acção* (1983-[2000])

O *Crianças em Acção* começou em 1983 e que, depois de várias interrupções, terminou em 2000. Como a tabela evidenciou, durante este período teve algumas interrupções que corresponderam aos intervalos entre as três séries que o constituíram. A primeira foi publicada durante sete anos e fez 23 números; a “nova série” teve lugar em 1991 e editou 5 boletins; a “série ano 2000”, também denominada “segunda série”, totalizou 6 números entre 1997 e 2000. As duas últimas podem entender-se como um revivalismo da primeira e a insistência na sua continuidade, em detrimento da criação de novos periódicos, evidencia a consideração do *Crianças em Acção* como a publicação identitária do movimento. De facto, sendo a primeira publicação, é um espelho do pulsar inicial da sua construção ao exprimir as inquietações e ensejos dos acompanhantes, partindo do que absorvem da vida e ações das crianças, e da experiência que fazem com os grupos. Tendo começado como jornal destinado indiscriminadamente a crianças e acompanhantes, rapidamente se definiu como um boletim e como destinado aos segundos, ficando reservado para um novo título, o *Jornal de Nós*, o formato de publicação de um jornal orientado para as crianças.

O subtítulo que nesta ocasião adquiriu, *Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*, traduz a sua finalidade: a de constituir uma rede entre os acompanhantes pela criação de vínculos entre si bem como uma sincronia no concernente às atividades por eles desenvolvidas, visando também superar a dispersão do movimento pelos múltiplos espaços, físicos e sociais,

em que se ia implantando um pouco por todo o país. Além de ser um elo de ligação, este periódico tinha um intuito fortemente formativo.

Tinham especial lugar artigos de formação explícita e os encontros de acompanhantes, a nível local ou nacional. Estes ocupavam muitas páginas em que eram descritos numa apresentação dos conteúdos neles refletidos, e pretendendo a eficácia dos mesmos pela enunciação de algumas decisões ou vetores de ação assumidos como resposta às dificuldades partilhadas pelos acompanhantes. Nesta forte componente formativa os conteúdos da doutrina cristã tinham um lugar importante no Boletim, sem serem, porém, predominantemente enunciados de forma direta ou isolada das descrições dos encontros. Também existiam notícias sobre os grupos, os acompanhantes e o Movimento Internacional D'Apostolat Des Enfants (MIDADE). O que cada grupo desenvolvia, os problemas que as crianças



Capa do n.º 2 do *Crianças em Acção*



Capas do n.º 7 da I série do *Crianças em Acção* e do n.º 1 da II série

traziam para neles serem abordados, eram objeto de preocupação e de análise por parte dos acompanhantes, surgindo muitos relatos das condições de vida dos meninos e também de soluções propostas ou empreendidas em cada caso para minimizá-las. Pretendia-se que este periódico constituísse um “instrumento de trabalho”, “com conteúdo” e uma ajuda para “compreender melhor o que se vai fazendo e como”³.

A “Nova série” de 1991 privilegia mais a informação do que a formação, incluindo também muitos trabalhos das próprias crianças. Tal alteração explica-se pelo facto de, findo o *Jornal de Nós*, ter agora um destinatário duplo: os acompanhantes e as crianças. A “série ano 2000” não evidencia uma uniformização nos seus números, variando consideravelmente entre si na periodicidade, estrutura de conteúdos, grafismo e subtítulos. Apesar desta forte heterogeneidade, verificam-se novos elementos temáticos, como a alusão ao Jubileu celebrado no ano 2000, maior consciência diocesana e incidência em problemas que afetam em particular a adolescência e a juventude⁴.

2.2. O *Jornal de Nós* (1984-1989)

O *Jornal de Nós* inicia-se em 1984 e a sua última edição correspondeu ao 19.º número; decorria o ano de 1989, o mesmo em que acaba a primeira série do *Crianças em Acção*. A sua identidade determina-se pelo público a que se dirige e que tendencialmente coincide com os seus autores: as crianças.

O objetivo estruturador do jornal é o de ser por elas construído, divulgando as atividades desenvolvidas pelos seus grupos, bem como a partilha de vida que neles se realiza. Neste sentido, são referidos os problemas com que elas se deparam, relacionados sobretudo com a escola (discriminação entre bons e maus alunos, conflitos com os colegas, más condições materiais), a família (violência entre pais e filhos, alcoolismo, dificuldades económicas) e com o meio local e social (o lixo no bairro, a pobreza e a precariedade habitacional). Estes também são descritos nos outros periódicos, particularmente no *Crianças em Acção*, mas aqui são sobretudo narrativas das próprias crianças, relatadas em grande medida em voz própria. Neste aspeto, o jornal madeirense *Grito da Liberdade* também privilegia a enunciação e a partilha dos problemas das crianças por elas próprias, em vez de por terceiros. Com efeito, neste periódico muitos artigos são manuscritos pelo punho das crianças, no estilo próprio da sua linguagem e acompanhados por desenhos feitos pelas próprias.

³ *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 12 (agosto-setembro 1986) p. 9.

⁴ Esta maior dedicação aos adolescentes está patente no número único de *Stop*. Esta preocupação terá continuidade na revista *MAAC*.



Capa do n.º 1 do *Jornal das Crianças*; capa do *Jornal de Nós: Vida e Acções* (n.º 4 do até então *Jornal das Crianças*)

Também as notícias de grupos de outros países têm lugar no jornal, assim como a abordagem a conteúdos cristãos, de forma direta ou indireta, ao relatarem por exemplo os momentos em que realizam uma “revisão de vida”. É ainda provido de partes formativas, de secções de “entretenimento”, que abrangem bandas desenhadas, passatempos ou anedotas, indo ao encontro dos interesses das crianças. Estas, além de estimuladas pela leitura de conteúdos ajustados à sua realidade e gostos, apreciavam muito ver os artigos do seu grupo no jornal. Ao ser realizado essencialmente por elas e tendo conteúdos do seu interesse, o *Jornal de Nós* exprime com especial força a ideia do seu protagonismo das crianças.

2.3. A revista MAAC (2001–)

A revista MAAC teve o seu primeiro número em 2001 e é publicada até à presente data, somando até agora 37 números (foram considerados neste estudo apenas os 20 primeiros, ou seja, 2008, ano do 30.º aniversário do MAAC). Constitui uma nova etapa no percurso das publicações do movimento. A quase totalidade dos periódicos anteriores caracterizava-se por uma conceção gráfica rudimentar, por um certo amadorismo e por alguma fragilidade material; sendo inicialmente fotocopiados e seguiram um percurso de melhoria paulatina ao nível do grafismo e impressão, sendo de salientar a técnica *off set*, com que passaram a ser editados em 1985. Com a revista MAAC o processo sofisticou-se: a composição e o *design*

são profissionais e feitos de forma informatizada e não manual; a impressão processa-se numa tipografia. Além dos profundos melhoramentos relativos à apresentação, também a tiragem dos números aumentou, assim como encareceu o processo de publicação, pelo que o preço da revista foi estipulado com poucas variações. Note-se a título de excursos que ao longo da história das publicações do MAAC nunca a revista foi distribuída de forma gratuita.

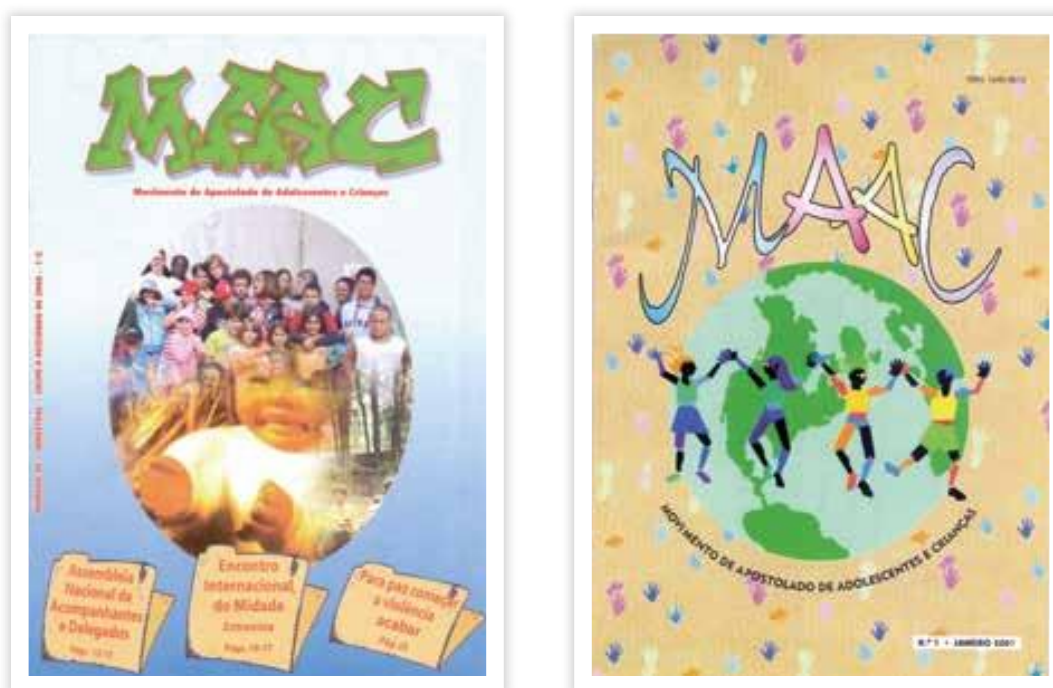
O lançamento da Revista MAAC

Outro passo importante foi o lançamento de uma publicação do MAAC para dar a conhecer o papel das crianças em movimento, nas ações transformadoras que desenvolvem em casa, na escola e nos tempos livres, para dentro e fora do movimento. Este assunto foi analisado na equipa nacional com o compromisso das dioceses em assumir a venda de x revistas, de acordo com as suas possibilidades, de forma a garantir o pagamento da mesma à gráfica. Feitos os contactos com algumas gráficas, foi feita na altura a melhor opção. Nesta ação o Padre Rolando da diocese de Coimbra deu uma boa ajuda na creditação do MAAC junto da gráfica. Deu-se então corpo a uma publicação já registada oficialmente com luz e cor com alguma ajuda técnica na apresentação de jornalistas da revista juvenil, numa visita às suas instalações em Lisboa, numa ação de formação aplicada com a irmãzinha Monserrat, sempre elo de ligação nos contactos realizados.

[Maria de Lourdes Ribeiro, acompanhante em São Mamede de Negrelos e São Salvador do Campo (Santo Tirso) desde 1995, coordenadora nacional entre 1996 e 2002 e membro da equipa de coordenação europeia entre 1996 e 1999. Questionário n.º 37, 2010].

Este investimento na apresentação e difusão da revista é fruto de todo o processo de prática editorial anterior ao longo do qual se pôde ensaiar a estratégia mais eficiente para fazer prosperar a atividade editorial do movimento. Foi assim fruto de uma reflexão recorrente nos encontros de acompanhantes e nos da equipa de coordenação que tiveram lugar os anos imediatamente precedentes. No que diz respeito à estrutura, ocorreram também profundas modificações: com um número de páginas muito superior às publicações precedentes, a revista MAAC possui uma ficha editorial, uma periodicidade definida e regular (à exceção da passagem de trienal a semestral em 2005) e um princípio de organização dos conteúdos mais sólido comparativamente ao que se praticava anteriormente. Não obstante, a sua estrutura não atingiu um grau de estabilização de natureza editorial significativo, oscilando a quantidade, a dimensão e o título das rúbricas ou secções de número para número.

A revista reúne três vetores editoriais, uma vez que se destina a um triplo público: os acompanhantes, as crianças e os adolescentes. Informando sobre as atividades que decorrem no movimento em geral, a sua vertente formativa é multitemática, abrangendo desde conselhos relativos à saúde, a conhecimentos



Capa dos números 1 e 20 da revista MAAC.

de natureza escolar, de índole cívica, sensibilização para os problemas sociais tipicamente juvenis, artigos sobre ecologia, arte, desporto, etc., sem deixar de predominar a formação respeitante ao próprio movimento e à fé cristã. São de salientar os artigos incidentes na questão da situação das crianças no mundo ou da situação da pobreza e outros problemas sociais a um nível internacional.

Deste modo, não se verifica tanto a narração de problemas vividos pelas próprias crianças, na sua família, escola e meios, como outrora sucedia nos periódicos dos anos 80. Os objetivos da revista são proporcionar a ligação dos vários grupos, a partilha entre eles, a formação dos acompanhantes e dar visibilidade ao movimento⁵.

3. O caso da imprensa madeirense

A imprensa do MAAC da diocese do Funchal é passível de ser um estudo de caso dentro do *corpus* global da imprensa do MAAC, uma vez que apresenta características que a singularizam, tanto a nível material, como nos procedimentos organizativos das próprias publicações, e sobretudo quanto aos conteúdos. Atendendo ao primeiro aspeto, enquanto os jornais *Grito da Liberdade* e *Janela*

⁵ *Plano de Acção Nacional 2005-2008*. Aprovado na XI Assembleia Nacional de Acompanhantes do MAAC, 10 e 11 junho 2005, p. 4.

(*In*)discreta não se distanciam das técnicas de composição e impressão até então utilizadas no continente, o *Zona 4* exhibe grande qualidade gráfica, de paginação e encadernação⁶.

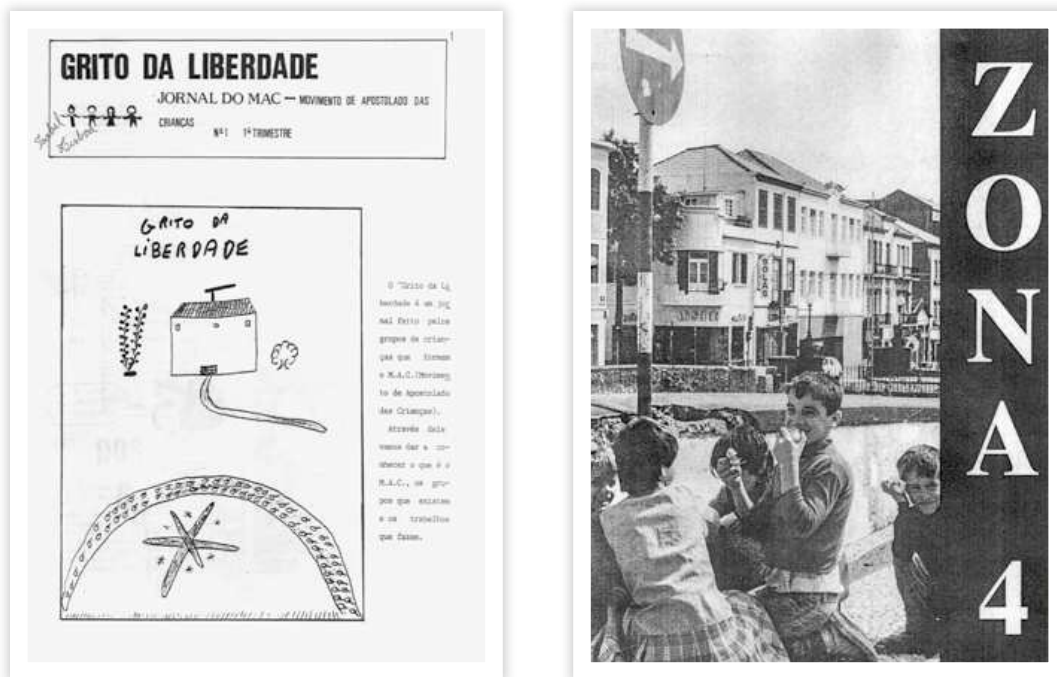
O facto de ter um preço fixo (250\$00) revela que esse esforço de qualidade na apresentação do *Zona 4* representava um investimento revelador da aspiração de abranger um público exterior amplo, uma intenção de divulgação que permitisse extravasar o movimento. Tal objetivo é compreensível pelo impacto que tiveram nos órgãos de comunicação social algumas iniciativas por ele empreendidas, como a da “Escola Aberta”⁷ ou as denúncias aguerridas dos problemas sociais que afetavam as crianças, como a mendicidade que realizavam à mercê da atividade turística. Apresenta artigos que têm uma abordagem que pretende ser quase científica ou de natureza ensaística e em que subjaz uma intenção de denúncia social e um intuito de consciencialização política. Com eles procura-se explicitar, por exemplo, os “nexos causais” da situação das crianças madeirenses desfavorecidas ou refletir criticamente sobre acontecimentos do âmbito público que as atingem:

“O respeito pelos Direitos Humanos começa pela forma como a sociedade acolhe e trata a Criança. Esta revista faz uma opção preferencial. Não considerámos a Criança em abstracto ou associal. Optámos pelo rosto empobrecido da Criança na Madeira. Neste número da ZONA 4, privilegiou-se uma abordagem de lugares sociais onde se evidenciam sinais eloquentes de uma realidade cheia de contrastes. Manifesta-se uma região radicalmente diferente da imagem paradisíaca que, por vezes, nos querem fazer crer. Alguns retratos explicitam um reverso inquietante. A Criança contextualiza os mecanismos existentes de implacável marginalização. Esta é a ZONA 4, lugar de provocação, emergente a partir dos mais vulneráveis. Existem numerosos grupos sociais particularmente vulneráveis. Essa vulnerabilidade torna-se acrescida quando se trata da Criança. Este número da revista apresenta situações e causas profundas na deficiente organização da Cidade. Revela-nos nexos causais. A ZONA 4 incomoda-nos”⁸.

⁶ Isto é verificável, por exemplo, pelo emprego de fotografias (até aí quase nunca presentes nas publicações), sendo que estas não tinham o traço amador que caracterizariam as que viriam a constar na revista MAAC, uma vez tiradas na informalidade das circunstâncias convivenciais dos encontros, mas evidenciavam um cunho profissional, aparentando um ótica fotojornalística e retratando as condições de miséria das crianças madeirenses.

⁷ A Escola Aberta “foi pensada e ‘vai sendo feita’ por um grupo de crianças do M.A.C. que por questões de vária ordem (trabalho, motivação, relacionamento...) não frequentava a escola, mas tinha um desejo muito grande de aprender a ler e a escrever”. *A Janela (In)discreta* (1992) 4. Começou em 1990 com a abertura de um espaço no Funchal, em 1991 abre-se outra escola em Câmara de Lobos. Constituiu um caso bastante mediático nos meios de comunicação social do arquipélago e do país.

⁸ Editorial. *Zona 4*. 4 – ano II (julho-agosto de 1997) p. 1.



Capa do n.º 1 do *Grito da Liberdade* e do n.º 4 da *Zona 4*

É questionada a igualdade no tratamento destas crianças por parte de instituições como a escola (que já se verificara na imprensa do continente), mas também a polícia, os hospitais, a justiça, o próprio governo regional, etc.

Nas publicações existem textos redigidos pelos grupos que narram os seus problemas e atividades, dados relativos ao movimento nacional e internacional, artigos de análise da realidade social da Madeira, secções de entretenimento nas quais se destacam letras de músicas, narrações de casos individuais de crianças ou adolescentes que se encontram numa situação de marginalidade social, sendo estas feitas pelos próprios ou por adultos. O seguinte excerto encontra-se no *Grito da Liberdade* tal como foram manualmente escritos pelas crianças: “O meu almoço foi soco e pontapé. Foi o meu pai que deu. Eu tenho vergões de mangueira no corpo”⁹.

Além da violência doméstica, são recorrentes outros problemas tal como o trabalho infantil ilustrado por artigos como este:

“Eu sou o Franquelim, tenho 14 anos. Saí da escola porque não tinha vaga. Uma mulher deu-me trabalho e fui servir num balcão, numa loja de roupa. Trabalhei 17 dias e recebi 25000\$00. Cada dia trabalhava 8 horas e quando ia assinar o contrato, chegou um papel dizendo que eu não podia trabalhar porque não tinha o segundo ano.

⁹ *Grito da Liberdade: Jornal do MAC: Movimento de Apostolado das Crianças*. 4 [s.d.] [p. 3].

Agora, para arranjar dinheiro para comer, para comprar sapatilhas ou outras coisas, ajudo as floristas a ir buscar água, ajudo as mulheres a levar os sacos e ganho o que as pessoas me dão. (100\$00, 200\$00 ou 150\$00)¹⁰.

Em suma, as publicações da Madeira só são compreensíveis dentro da especificidade do movimento no arquipélago, marcado pela controvérsia aberta entre o movimento e instâncias civis e políticas, resumida ao debate sobre o papel da autoridade que, do ponto de vista do movimento, desprotege e contribui para a exclusão das crianças madeirenses desfavorecidas. É fundamentalmente a sua configuração política e a intensidade polémica que daqui advém que as diferenciam das publicações do continente, pois nestas, como verificado, existem também os temas aqui presentes, a saber: a escola, a família e as condições sociais penalizadoras e marginalizadoras da população infantil.

4. Identidade editorial e dimensão pedagógica dos periódicos

Em todas as publicações encontramos uma coexistência dos âmbitos informativo e formativo. Se o primeiro caracteriza sobretudo o *Jornal de Nós*, bem como a segunda série do *Crianças em Acção*, na primeira série este periódico é predominantemente formativo. Na revista *MAAC* verifica-se um equilíbrio entre ambas as componentes. Por outro lado, a componente recreativa, correspondente a secções como passatempos, anedotas, provérbios ou receitas, existe em todas as publicações à exceção do título *Crianças em Acção*. Também se constata de forma não muito regular a intenção de colocar crianças ou, sobretudo, acompanhantes a darem o chamado “testemunho”, que surge esporadicamente sob a forma de uma entrevista¹¹. Nos periódicos madeirenses a componente informativa adquire uma feição vincadamente denunciativa.

¹⁰ *Grito da Liberdade: Jornal do MAC: Movimento de Apostolado das Crianças*. 2 [s.d.] p. 4. Neste número têm lugar entrevistas a crianças trabalhadoras, como o Rui de 15 anos que trabalha como serralheiro civil, Manuel da mesma idade que ajudava a arrumar o peixe pescado nas caixas, a Sofia de 10 anos que ao fim de semana fazia limpezas numa discoteca, o Alfredo Nunes de 13 anos que vende guarda-chuvas, o Nélcio de 12 anos que trabalha por vezes na construção, etc.

¹¹ Nos números finais da primeira série do *Crianças em Acção* existe um testemunho, que são de acompanhantes, como a jovem Teresa [*Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças* 1:14 (1987), p. 5], a Fátima Lopes recém nomeada Coordenadora diocesana [*Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 13 (fevereiro-março 1987), p. 7], a irmãzinha Maria Monserrate [*Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças* 1:15 (setembro-outubro 1987), p. 2], a Dulce, uma menina de Setúbal de 9 anos [*Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 17 (janeiro-fevereiro 1988), p. 6] e um testemunho baseado numa monografia do grupo do MAAC do bairro do Relógio [*Crianças em Acção: Boletim de ligação e de informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 19 (junho-julho 1988) p. 2-3].

Verifica-se a preocupação geral de que sejam as crianças ou adolescentes a redigirem os artigos nos periódicos a elas destinados, havendo a realçar a existência de orações, poemas e desenhos da sua autoria e também relatos dos próprios problemas que os atingem sendo estes de ordem familiar social e escolar. Muitas vezes, são os acompanhantes os intérpretes e os informantes desses mesmos problemas, como exemplifica este excerto de um longo artigo em que uma acompanhante fala sobre o seu grupo do MAAC de Mafamude, em Vila Nova de Gaia:

“[...] começamos a ter os nossos encontros todos os sábados às 14h 30m (quando não chove, porque ainda não temos um espaço coberto).

Começamos a falar dos problemas existentes no bairro e nas suas dificuldades:

– O nosso bairro é muito pobre, não tem esgotos (os mais pequenitos brincam com as águas chocas), não temos casa de banho, temos que nos lavar e tomar banho numa bacia, temos que ir muito longe à escola, alguns pais passam a vida a gritar com os filhos, por causa do vinho!

– o meu pai só trabalha dois dias por semana, recebe pouco dinheiro. Na nossa casa somos 12 pessoas, dormimos todos juntos, uns no chão outros na cama, uns para cima, outros para baixo!

Zé Maria – Todos deveríamos ter uma casa com quartos para todos, casa de banho... Hoje já não quero falar mais nisto, diz Alfredo¹².

No que concerne à escola, são referidas a agressividade dos professores, a natureza pouco estimulante das atividades escolares e a exclusão dos meninos com dificuldades de aprendizagem ou provindos de meios sociais diferentes, como é o caso do seguinte excerto, intitulado “o lado a lado não existe”:

“Na escola primária / nem é bom falar. / Meninos pretos de um lado / meninos brancos do outros / foi a primeira solução / NÃO RESULTOU. / Cortar as tranças (penteado tradicional africano) às crianças filhas de emigrantes caboverdianos, / NÃO RESULTOU. / Salas só com filhos de emigrantes / saída das crianças do outro lado / para colégios particulares / acabaram com o Lado a Lado / O Lado a Lado / Não existe / As mamãs e os papás / dizem: / vamos varrer os “pretinhos” / Isto será solução / para a existência do Lado a Lado? / O Lado a Lado não existe / Aqui no Jardim Infantil / Na Escola Primária / No ciclo preparatório / O Lado a Lado / Não existe / Porque muita gente não tem consciência / Do Lado a Lado / Por isso Pai / Perdoa-lhes porque não sabem o que / fazem. / Luto para a existência / do Lado a Lado / Mas cada dia / O elo de ligação / torna-se mais distante¹³.”

¹² Texto da autoria de Adélia. *Crianças em Acção: Jornal dos Animadores do Movimento de Apostolado das Crianças*. 6 (julho 1985) p. 9.

¹³ Texto da Autoria de “Tino”, datado de 5 de janeiro de 1989. *Crianças em Acção: Boletim de Ligação e de Informação do Movimento de Apostolado das Crianças*. 22 [1989?] [p. 3].

Por vezes tomado como contíguo às características condicionadoras da instituição escolar, o trabalho infantil é uma realidade muito abordada como situação que atinge as crianças do movimento ou os seus amigos ou vizinhos, como tema de reflexão por parte dos acompanhantes; assim exemplifica o excerto seguinte:

“Carta do Grupo da Amizade (Setúbal)

Revolta contra o Trabalho infantil

Nós no Grupo do MAAC, resolvemos escrever esta carta porque nós também somos Adolescentes, o que nos revolta muito esta questão.

Tudo começou quando um rapaz começou a faltar às aulas e por isso a mãe disse-lhe que se ele continuasse a faltar que o tirava da escola e assim foi, mas também lhe disse que se ele sai-se [sic] da escola o punha a trabalhar nas obras ao pé de casa [...]

Assim terminamos a nossa carta / A Delegada e Subdelegada [com as respetivas assinaturas]

As acompanhantes encontram-se preocupadas com esta situação, tendo em conta que a criança em questão deixou de aparecer no grupo”¹⁴.

Os artigos dos periódicos permitem perceber a panóplia das atividades dos grupos, cujos encontros englobam tarefas lúdicas e artísticas (teatros, músicas, danças, desenhos, etc.), religiosas, reflexivas, o que inclui conversas ou debates sobre um determinado problema, sendo muitas vezes utilizada a metodologia da revisão de vida, e preparações de ações de exploração ou intervenção no meio local ou ainda de solidariedade. Este aspeto é muito focado, englobando também iniciativas de proteção à natureza¹⁵.

De entre os acontecimentos do grupo focados surgem os passeios e a sua preparação. Estas atividades exteriores são recorrentemente realizadas com os outros grupos do MAAC. Se na revista *MAAC* estes encontros já se encontram estruturados, como o Encontro Nacional de Delegados, os Acampamentos Diocesanos, Encontros Nacionais ou Diocesanos, nos periódicos anteriores são atividades sem essa organização, programadas com um certo grau de imprevisibilidade e de informalidade dentro de cada grupo ou entre vários¹⁶. Isto manifesta a relevância

¹⁴ *Crianças em Acção: Jornal Nacional do MAAC. Série 2000. 3 (1999) [p. 4]*

¹⁵ “Olá amigos, o MAAC em Joane tem 2 grupos, o Cores do MAAC e o Renascer [...] O plano de acção do nosso grupo para este ano 98/99 foi tentar defender o meio ambiente e por isso sensibilizar todas as pessoas para admirarem a natureza, respeitam e poderem usufruir daquilo que Deus nos dá”. *Crianças em Acção: Jornal Nacional do MAAC. Série 2000. 3 (Junho de 1999) [p. 3]*.

¹⁶ “Notícias do grupo ‘Paz e amor’. No dia 18 estivemos num encontro com 4 grupos. Estivemos na Igreja de Moscavide e depois do almoço fomos para o seminário. Gostámos de ver os slides porque mostraram as coisas dos outros grupos. Gostámos também dos jogos, do que o padre falou e da troca de prendas. Tivemos muita pena de não apresentarmos a nossa peça de teatro, mas não tivemos tempo de prepará-la.

que estas atividades tinham na visão pedagógica e cristã do movimento, que passava por uma experiência fortemente comunitária em que o lúdico tinha também um papel, em si próprio, evangelizador. Os excertos seguintes manifestam o horizonte que a ideia de “ação transformadora” tem nos vários encontros:

“Nós somos um grupo de crianças do Prior Velho que juntos queremos tentar resolver alguns problemas do nosso bairro. Por exemplo: falta de médicos, escolas, casas, luz eléctrica, água canalizada, transportes, má relação com os ciganos, falta de igreja...”¹⁷.

- Fizemos teatro, cantámos, jogámos, dançámos, brincámos...
- Ajudámos a Paula, uma criança mais pobre.
- Convidámos os ciganos para o grupo.
- Fizemos peças de teatro sobre os problemas do bairro (falta de médicos, bêbados...).
- Participámos nas celebrações do nosso bairro.
- Fomos visitar o Zé Cirilo (agredido à bala) no hospital como Jesus fez com o paralítico da piscina de Siloé.
- Juntámos dinheiro para mandar para Madagáscar onde houve um ciclone, fazendo uma venda na escola.
- Fomos limpar o bairro, as ruas e colocar cartazes para as pessoas seguirem o exemplo.
- Fomos aos Olivais conviver com outras crianças.
- Fizemos o cartaz ‘Jesus e os pequeninos’ e lemos leituras de Bíblia para ver o que está mal.
- No acampamento orámos e falámos sobre Jesus”¹⁸.

Gostámos do grupo dos Aventureiros porque eles apresentaram as realidades do seu bairro em peça de teatro. / No dia 20 de Janeiro fomos comemorar o nosso 1.º aniversário de grupo ao Seminário. Brincámos, jogámos à bola, passeámos durante todo o dia, partilhámos o farnel e houve bolos e bolachas.” *Jornal das Crianças*. 1 (março de 1984) p. 12.

“O MAAC da Diocese de Braga realizou no passado dia 21 de abril de 2001 um encontro sobre a Partilha. Foi uma grande festa!!! Logo de manhã partimos para o Colégio das irmãs Franciscanas, em Santo Tirso, onde fizemos uma reflexão sobre a Partilha tendo como ajuda uma projecção de slides: ‘Ponte ou Muro’. / Eram 57 as crianças e adolescentes [...] / Na parte da tarde continuamos a viagem em direcção à casa do Gaiato. O Miguel mostrou-nos a casa, e na visita proporcionada não faltaram as perguntas e respostas. Todos os grupos do MAAC ofereceram artigos escolares: cadernos, lápis, esferográficas, livros, réguas, etc. [...]”. *MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 2 (junho de 2001) p. 2-3.

¹⁷ Texto do grupo do Prior Velho. *Crianças em Acção*. 1 (maio de 1983) p. 2.

¹⁸ Texto redigido no âmbito da preparação para a 1.ª Assembleia Geral de Acompanhantes, no qual se encontra uma recolha das atividades dos vários grupos que é bastante representativa das suas ações. Diz respeito ao segundo ponto trabalhado na assembleia sobre o tema “Evangelização”. “Acções transformadoras em que as crianças testemunham Jesus Cristo”. *Crianças em Acção*. 4 (setembro de 1984) p. 6.

Também constam nas publicações artigos que visam uma consciencialização de problemas gerais de foro social, nomeadamente textos de sensibilização sobre a poluição, a sexualidade, o tabaco, a violência na televisão ou as drogas, tema sobre o qual versa o seguinte excerto, que procura sintetizar duas revisões de vida feitas em 2007 pelos grupos “Os terroristas” da diocese de Coimbra e “Grupo da Paz” de Codessos, que se basearam nas parábolas conhecidas por “Filho Pródigo” e “O trigo e o joio”, respetivamente na etapa do julgar:

“O nosso agir... / Jovem se amas a vida, diz não a todo o tipo de Drogas! / O Mundo sem Drogas, será melhor para todos nós! / Participa, fala com os jovens e diz-lhes que a Droga não resolve os problemas. / Nós vamos alertar os Nossos Colegas, faz como nós!”¹⁹

Na componente formativa circunscrita aos acompanhantes, os temas abordados são fundamentalmente três: conteúdos religiosos, aspetos pedagógicos ou didáticos e a identidade do próprio movimento. Nos primeiros encontram-se reflexões simples sobre alguns excertos dos Evangelhos ou são utilizados documentos do magistério católico, destacando-se a exortação apostólica do papa Paulo VI *Evangelii Nuntiandi*, em alguns números da primeira série do *Crianças em Acção*, e, mais tarde na revista *MAAC*, documentos da Doutrina Social da Igreja²⁰. Apesar de existirem artigos de formação cristã explícita, a sua quantidade não é significativa, uma vez que os conteúdos cristãos encontram-se enformados nas próprias narrações sobre as formações de acompanhantes, que neles se baseiam espontaneamente ou nas revisões de vida. Deste modo, todos os três tipos de conteúdos indicados (de formação cristã, sobre o mundo infantil ou sobre o movimento) são realizados em grande medida a partir da partilha de conhecimentos, sensibilidades e práticas advindos da experiência dos próprios acompanhantes, encontrando-se assim interligados. O seguinte excerto que parte da descrição do encontro de animadores realizado nos Olivais em 1983, é expressivo a esse propósito, numa época em que a ideia de militância é ainda prevalente:

“Como nasce um grupo de crianças?

De todas as questões anteriores foi esta a escolhida para aprofundar. Começou-se por dizer que nos sítios onde existe uma comunidade o grupo nasce como resultado de um esforço comum.

¹⁹ Cf. *MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 17 (janeiro a junho de 2007) p. 2-3.

²⁰ Cf. *MAAC: Movimento de Apostolado de Adolescentes e Crianças*. 9 (setembro a dezembro de 2003) p. 28.

Não há receitas gerais, pois o nascimento de um grupo depende bastante da realidade onde vai surgir.

No entanto podemos dizer que o ideal será que antes de um trabalho organizado com um grupo de crianças, os animadores tenham feito uma caminhada de iniciação. Se o nosso Movimento é um Movimento de evangelização das crianças de maneira que elas se tornem crentes comprometidos na transformação da sociedade e das pessoas a partir da fé em Jesus, é necessário em primeiro lugar que os animadores que irão acompanhar um grupo de crianças, formem e se sintam também crentes comprometidos nos seus ambientes, isto é, que se sintam militantes cristãos. Portanto a iniciação dos animadores à militância cristã é o 1º passo para fazer nascer um grupo de crianças. Daí a necessidade de que os animadores vivam no mesmo meio das crianças e assim fazer uma análise da realidade concreta que o rodeia, comprometendo-se progressivamente na transformação dessa realidade.

O 2º passo a dar nesta iniciação de animadores antes ou durante o acompanhamento das crianças é a descoberta do mundo infantil em todas as suas dimensões; conhecimento profundo da realidade onde vivem as crianças, as influências, as suas reacções... Não é tanto um conhecimento dos livros, mas um conhecimento feito com base em factos e situações da sua vida, bairro, escola... Antes de mais são necessários grupos de animadores que nos seus bairros se reúnam para em conjunto com um responsável de iniciação fazer esta caminhada”²¹.

Os “Direitos Universais das Crianças” são um tópico de sensibilização que persiste nos periódicos do movimento, sendo um elemento relevante da formação dos acompanhantes:

“As crianças são, ainda hoje esquecidas e atiradas para o último lugar na hierarquização da sociedade. Salvaguardando apenas às crianças os direitos à educação, saúde e alimentação, a sociedade tem minimizado todos os outros direitos da criança.

O trabalho infantil e os maus tratos de que as crianças são vítimas, têm revelado situações aterrorizantes e escandalosas, muito frequentes – mas não só – nos meios marginalizados e a sociedade tem-se mostrado impotente e as medidas tomadas pelas autoridades, ineficazes.

É necessário e urgente trabalhar com estas crianças caso a caso, situação a situação. Denunciar situações, pressionar as autoridades e sobretudo dar às crianças o direito de se exprimirem, de participarem, de serem ouvidas, de terem voz e vez na sociedade”²².

²¹ *Crianças em Acção*. 2 (junho de 1983) [p. 8]

²² Editorial. *Crianças em Acção*. 22 (janeiro a fevereiro de 1989), p. 2.

A transmissão de informações nesta área está significativamente associada à vertente internacional do movimento, que é também um âmbito muito presente nos periódicos, estando em todos eles de modo contínuo, desde notícias do quotidiano de grupos de outros países até ao relato da participação nos encontros mundiais do MIDADE de crianças e/ou acompanhantes de Portugal, como exemplifica esta notícia:

“O MIDAD participou no Sínodo dos bispos sobre o tema “Papel dos Leigos na Igreja, 20 anos depois do Concílio Vaticano II”. [...] a presidente do MIDADE, Antoinette Prudence, foi convidada a intervir perante a assembleia para fazer salientar o papel profético das crianças e o seu direito ao respeito e à consideração de todos”²³.

No que é relativo ao público a que se dirige, verifica-se que é uma imprensa com um raio de destinatários de abrangência interna, ou seja, as publicações periódicas são em primeiro plano para leitura dos elementos constituintes do próprio movimento, acompanhantes, adolescentes ou crianças, almejando-se como já salientado que todos fiquem ao corrente das atividades realizadas pelos diversos grupos ou das atividades de encontro ou formação comuns. Ocorre a coexistência de uma intenção implícita de comunicar para um universo exterior ao movimento, mas mais com o objetivo de falar sobre ele ou de divulgá-lo, do que passar uma mensagem descolada do âmbito do mesmo. Os casos das publicações do MAAC da Madeira são aqueles em que se verifica com maior vigor a intenção de extravasar o circuito do movimento e alcançar a opinião pública como forma de intervenção social, mas também a revista *MAAC*, pelo aumento superlativo da tiragem e pelo próprio investimento financeiro realizado, revela uma lógica de alargamento do público-alvo, numa perspectiva de informação, divulgação e sensibilização.

5. Modelos de coordenação

Como se estruturava a equipa de redatores, colaboradores e responsáveis desta atividade editorial que considerava como princípio o protagonismo das crianças? Há a assinalar, em primeiro lugar, que a participação das crianças circunscrevia-se sobretudo ao plano da redação dos textos e da execução dos desenhos mas também da avaliação das próprias publicações, uma vez que pontualmente é solicitada a opinião através de questionários ou informalmente. Porém, não existindo propriamente a indicação de alguma iniciativa que incluísse as crianças na própria coordenação das publicações, pelo menos no âmbito dioce-

²³ *Crianças em Acção*. 19 (junho-julho 1988) [p. 10]

sano e nacional, há registo da preocupação por parte das equipas coordenadoras, sobretudo durante a publicação da revista *MAAC*, em integrá-las o mais possível em todo o processo da realização da mesma. Nessa ocasião ocorreu uma tentativa de fazer com que um grupo de adolescentes colaborasse no tratamento do texto e composição gráfica. Esta não resultou pela dificuldade de os congregar, e pela própria natureza do trabalho pouco estimulante e de difícil e lenta aprendizagem e execução.

Uma revista nossa

Houve vários momentos marcantes [...]. O fazermos parte de algo que era nosso, porque apesar de termos os acompanhantes que eram adultos, sentíamos que decidíamos tudo. As reflexões que fazíamos em grupo, decidirmos o nosso plano de ação e as nossas atividades, as nossas reflexões serem depois feitas a nível diocesano, as letras de músicas que elementos do grupo escreveram, os dias passados e conjunto seja de passeio ou com mesas redondas sobre as nossas reflexões, era tudo motivo de orgulho no nosso grupo. Foram tantos os momentos em grupo que me marcaram, mas também houve momentos pessoais, tais como o fazer parte da primeira equipa de redação da revista do MAAC. Reuníamos em Santo Tirso, éramos um grupo pequeno. Mas quando saiu o jornal foi muito entusiasmante, porque agora tínhamos uma revista nossa em que podíamos saber de tudo o que se passava a nível nacional como internacional.

[Ana Sofia Guimas, criança em Calendário (Vila Nova de Famalicão) entre 1991 e 2000. Questionário n.º 3, 2010].

A aferição dos responsáveis pelas publicações, que as coordenavam ou dirigiam, é desde logo dificultada pela ausência dessa informação nos próprios periódicos. As únicas exceções são o *Crianças em Acção* e a revista *MAAC*, sendo esta a única que apresenta, por sua vez, uma ficha técnica completa. De forma também escassa são mencionados os redatores ou colaboradores. A coordenação dos periódicos esteve sempre na tensão entre ser uma competência de um grupo nomeado especificamente para a tarefa e o grupo coordenador do movimento nacional, com o qual se confundia muitas vezes a equipa de redação, a ver pelos autores dos editoriais, os quais também só existem de modo sistemático com a revista *MAAC*.

Segundo os dados disponíveis, existia inicialmente uma “equipa de informação”, cuja constituição não está documentada²⁴. Até 1984, Adelino Sousa assume as funções de coordenador nacional e, ao que tudo indica, passa a ser também o responsável, pelo menos informal, das publicações. Entre 1985 e 1988 Manuela Silva surge como responsável por este setor. Esta mudança na estrutura de coor-

²⁴ *Desperta*. 1 [(c. 1983) p. 2].

denação traduziu-se num conjunto de alterações significativas: as duas publicações existentes passam a ser impressas em *off set*, passam a ter um preço fixo e o *Jornal das Crianças* passa a intitular-se *Jornal de Nós*. Posteriormente substitui-se a responsabilidade informativa pela designação de uma equipa formada por uma representante de cada diocese; mantém-se na equipa Manuela Silva, juntamente com Isabel Quirino, António Ferreira Pinto e Carla Marques, entre outros. Este modelo parece não assegurar o ritmo editorial anterior e cerca de um ano depois cessa esta atividade das publicações periódicas do MAAC. Seria retomada em 1991 com a publicação *Crianças em Ação*, nova série, cujo editorial é assinado por Carla Marques, durante um ano. Ocorrendo um período de crise do movimento na década de 90, dá-se a interrupção da atividade editorial à escala continental, como já referido, sendo que o movimento da Madeira teve nestes anos uma dinâmica de forte vitalidade e visibilidade nas suas publicações, sendo Edgar Silva o seu mentor, entre outros.

A série ano 2000 ou 2.^a série do *Crianças em Ação* foi dirigida pela diocese do Porto, que exprime em algumas circunstâncias a dificuldade de envolver as restantes dioceses. Já na revista MAAC o diretor da publicação coincide com o coordenador nacional do movimento: a primeira diretora é Maria de Lourdes Ribeiro sendo Carla Santos a diretora adjunta; a partir do número 5, editado em 2002, Carla Santos, agora coordenadora nacional, torna-se diretora da publicação (e Maria de Lourdes Ribeiro a diretora adjunta) e a partir de 2008, passa a constar o nome dos coordenadores nacionais sucessivos: José Carlos Antunes, Ana Catarina Mendes e Susana Costa.

Conclusão

A trajetória da atividade editorial periódica do MAAC proporciona a percepção da própria metamorfose do movimento, na sua construção identitária e organizacional, coincidindo com o processo de maior institucionalidade de uma dinâmica, na qual a informalidade era um dado em certa medida intrínseco à sua lógica pedagógica. No âmbito imperativo do protagonismo das crianças, o trabalho editorial de preparação, impressão e circulação de publicações próprias e que lhe eram destinadas, foi um investimento contínuo que comportou várias fases. Estas acompanharam uma crescente sofisticação da estrutura gráfica dos periódicos, a consolidação de mecanismos de sustentabilidade e a adaptação às novas realidades sociais das crianças e às necessidades formativas que estas suscitavam nos acompanhantes, assim como uma reconfiguração temática. Neste sentido, tal imperativo de valorização do protagonismo das crianças traduziu-se ainda em linhas editoriais que privilegiavam ora a comunicação do que era realizado em cada grupo, ora a situação familiar e material dos seus membros, investindo quer na formação dos acompanhantes quer na integração dos adolescentes e oscilando

entre o dar lugar à voz própria das crianças e a expressão por parte do adulto da sua experiência com elas e da hermenêutica das suas vivências. A interação entre a percepção da especificidade teológica-pedagógica do movimento e as questões e dificuldades que a experiência concreta proporcionava suscitou ainda uma crescente organização das equipas de redação e estratégias diversas de coordenação, tendencialmente centralizadas na equipa de coordenação nacional.

A imprensa do MAAC tem a singularidade de não só se dirigir a um público da imprensa da Igreja Católica francamente minoritário²⁵ – o infantil e adolescente – como procura ser por ele produzido, educando para a opinião própria das crianças, descortinando-lhe um lugar na rede de discursividades eclesiais e transitando-as da aprendizagem da leitura para a de serem lidas.

²⁵ Apenas 0,4% dos leitores da imprensa de inspiração cristã têm menos de 20 anos. Cf. Alexandre Manuel – *Da imprensa regional da Igreja Católica: o que é, quem a faz e quem a lê*. Coimbra: MinervaCoimbra, 2013, p. 196.